

São Paulo, 30 de março de 2020

NOTA À IMPRENSA

Custo da cesta básica aumenta em 15 capitais

Em virtude da pandemia de coronavírus, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica foi suspensa, em 18/03, em todas as 17 capitais onde é realizada mensalmente pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

Esta nota traz dados parciais do período compreendido entre 1 e 18 de março. Tão logo essa difícil situação seja superada e não haja mais riscos à saúde pública, a instituição retomará a coleta de preços nos estabelecimentos que vendem produtos alimentícios - supermercados, padarias, açougues e feiras.

O preço da cesta básica apresentou aumento em 15 das 17 capitais pesquisadas no período. As altas mais expressivas ocorreram em Campo Grande (6,54%), Rio de Janeiro (5,56%), Vitória (5,16%) e Aracaju (5,11%). As quedas foram observadas em Belém (-3,27%) e São Paulo (-0,24%).

A capital com a cesta mais cara foi o Rio de Janeiro (R\$ 533,65), seguida de São Paulo (518,50) e Florianópolis (R\$ 517,13). Os menores valores médios foram verificados em Aracaju (R\$ 390,20) e Salvador (R\$ 408,06).

Em 12 meses, entre março de 2019 e o mesmo mês de 2020, foram registradas altas em todas as cidades, com variações entre 1,19%, em Aracaju, e 9,08%, em Florianópolis.

Dezesseis cidades acumularam aumentos em 2020. Merecem destaque Salvador (13,19%), Natal (11,01%), Aracaju (10,86%), João Pessoa (10,84%) e Recife (10,03%). A queda foi observada em Porto Alegre (-1,66%).

Com base na cesta mais cara, que, em março, foi a do Rio de Janeiro, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser

suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em março de 2020, o salário mínimo deveria ser de R\$ 4.483,20 ou 4,29 vezes o mínimo de R\$ 1.045,00. Em fevereiro, deveria ter sido de R\$ 4.366,51, correspondente a 4,18 vezes o piso em vigor. Já em março de 2019, o valor era de R\$ 4.277,04 ou 4,29 vezes o salário vigente de R\$ 998,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 17 capitais
Brasil – março de 2020

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação anual (%)
Rio de Janeiro	533,65	5,56	55,21	112h21m	3,24
São Paulo	518,50	-0,24	53,64	109h10m	2,37
Florianópolis	517,13	4,86	53,50	108h52m	1,06
Vitória	504,78	5,16	52,22	106h16m	1,11
Porto Alegre	497,88	1,02	51,51	104h49m	-1,66
Brasília	484,15	0,49	50,09	101h56m	2,16
Fortaleza	475,11	2,62	49,15	100h01m	9,56
Campo Grande	474,53	6,54	49,09	99h54m	5,43
Curitiba	465,47	3,92	48,15	97h59m	1,44
Belo Horizonte	461,28	0,47	47,72	97h07m	3,68
Goiânia	456,18	1,69	47,19	96h02m	0,31
Recife	433,28	3,10	44,82	91h13m	10,03
Natal	426,00	4,96	44,07	89h41m	11,01
Belém	418,80	-3,27	43,33	88h10m	1,13
João Pessoa	414,05	2,49	42,83	87h10m	10,84
Salvador	408,06	3,18	42,21	85h55m	13,19
Aracaju	390,20	5,11	40,37	82h09m	10,86

Fonte: DIEESE.

Obs.: dados referentes ao período de 1 a 18 de março de 2020

Cesta básica x salário mínimo

Em março de 2020, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 97 horas e 34 minutos. Em fevereiro, foi preciso trabalhar 94 horas e 57 minutos. Em

março de 2019, quando o salário mínimo era de R\$ 998,00, a jornada necessária ficou em 96 horas e 42 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, alterado para 7,5% a partir de março de 2020, com a reforma da Previdência, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, no mês, 47,95% do rendimento. O percentual é maior do que o de fevereiro (46,66%), quando a alíquota era de 8,0%. Em março de 2019, a compra demandava 47,52% e o piso era de R\$ 998,00.

Comportamento dos preços¹

Entre fevereiro e março de 2020, foi predominante a alta nos preços do tomate, da banana, do açúcar, óleo de soja, leite integral e da batata, pesquisada na região Centro-Sul. Já o valor da carne bovina de primeira teve redução na maior parte das cidades.

O preço médio do tomate aumentou em 16 capitais. As maiores altas foram registradas em Campo Grande (58,44%), Vitória (42,86%), Rio de Janeiro (30,59%), Aracaju (27,00%) e Natal (26,94%). A redução ocorreu em Belém (-11,06%). Em 12 meses, o valor médio do quilo do tomate aumentou em 13 capitais e as taxas oscilaram entre 3,08%, em Belém, e 31,67%, em Vitória. A queda mais intensa foi observada em São Paulo (-14,77%). A menor quantidade de tomate, devido à desaceleração da colheita, elevou o preço no varejo. Além disso, a qualidade diminuiu muito e os melhores tomates foram vendidos a um preço maior.

A banana teve o preço majorado em 14 capitais. A pesquisa coleta os tipos nanica e prata. O valor divulgado é obtido por meio de uma média ponderada. Os maiores aumentos foram registrados em Salvador (16,19%) e Campo Grande (14,19%). Em Brasília, não houve variação. As reduções foram registradas em Recife (-6,68%) e Belém (-2,10%). Em 12 meses, o preço médio do quilo aumentou em 15 cidades, com percentuais entre 0,44%, em Porto Alegre, e 23,23%, em Campo Grande. Em Belém, a taxa não variou, enquanto houve diminuição em João

¹ Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

Pessoa (-6,87%). Houve uma grande demanda por banana no início do mês, o que explica a elevação de preço.

O valor do quilo do açúcar subiu em 14 capitais entre fevereiro e março de 2020. As taxas oscilaram entre 0,41%, em Natal, e 5,08%, em Campo Grande. Em João Pessoa, o preço médio não variou. Em São Paulo e Florianópolis, diminuiu -0,73% e -0,35%, respectivamente. Em 12 meses, todas as cidades registraram aumento, com destaque para Brasília (25,87%), São Paulo (22,62%) e Rio de Janeiro (20,25%). A oferta reduzida de açúcar manteve em alta os preços no varejo.

O preço médio do óleo de soja subiu em 14 capitais, com taxas que variaram entre 0,47%, em Aracaju, e Belém, e 7,31%, em Recife. Em Porto Alegre, o preço médio não se alterou. Houve queda em Natal (-1,77%) e Brasília (-0,26%). Em 12 meses, todas as cidades registraram alta, com destaque para Rio de Janeiro (21,33%), Goiânia (20,63%) e João Pessoa (20,31%). A demanda internacional e a desvalorização do real diante do dólar mantiveram em alta o preço da soja. Além disso, grande parte do óleo de soja tem sido destinada à produção de biodiesel, o que reduz a oferta. No varejo, os preços estão em elevação há vários meses.

O leite integral aumentou em 13 cidades. As maiores altas foram registradas em Campo Grande (7,10%), Recife (5,00%) e Florianópolis (3,45%). Em João Pessoa, o preço não se modificou. Houve diminuição em Belém, (-2,60%), Belo Horizonte (-1,24%) e Brasília (-0,53%). Em 12 meses, o valor médio do litro aumentou em 10 capitais e as taxas oscilaram entre 0,25%, em Vitória, e 17,05%, em Recife. A queda mais intensa foi observada em Brasília (-8,49%). Problemas climáticos reduziram a oferta de leite, o que explica os aumentos nas prateleiras dos estabelecimentos.

O preço do quilo da batata, pesquisada no Centro-Sul, aumentou em sete cidades, ficou estável em Porto Alegre e diminuiu em Florianópolis (-3,10%) e Vitória (-1,86%). As altas mais expressivas foram as de Campo Grande (23,35%) e Rio de Janeiro (12,25%). Em 12 meses, houve redução de valor e as taxas negativas acumuladas variaram entre -41,91%, em Belo Horizonte, e -17,42%, em São Paulo. As chuvas reduziram a oferta do tubérculo e no mercado

houve grande amplitude de preços, devido à qualidade das batatas ofertadas. Esses dois fatores explicaram as altas.

O quilo da carne bovina de primeira diminuiu em 10 capitais, entre fevereiro e março de 2020. As quedas variaram entre -2,95%, em Recife, e -0,21%, em Natal. As altas mais significativas ocorreram em Florianópolis (7,80%) e Curitiba (2,67%). Em 12 meses, o preço médio da carne subiu em todas as cidades pesquisadas, com destaque para as taxas de Florianópolis (37,03%), Rio de Janeiro (26,57%) e Recife (26,01%). Apesar de as exportações do produto seguirem firmes e da baixa oferta de boi para abate, o valor da carne de primeira diminuiu na maior parte das cidades, provavelmente pela menor demanda.

São Paulo

Em março de 2020, em São Paulo, a cesta de alimentos básicos diminuiu -0,24% na comparação com fevereiro. Custou R\$ 518,50, o segundo maior valor entre as 17 capitais pesquisadas. Importante ressaltar que não houve coleta de preços em muitas feiras, açougues, padarias e supermercados, em razão da interrupção da pesquisa, o que pode ter prejudicado o resultado da capital - altas como a do tomate, por exemplo, não foram captadas. Em 12 meses, a variação foi de 1,84% e, nos três primeiros meses do ano, a alta foi de 2,37%.

Entre fevereiro e março de 2020, houve elevação no valor médio dos seguintes produtos: café em pó (1,90%), farinha de trigo (1,73%), batata (1,50%), pão francês (1,17%), óleo de soja (0,75%), tomate (0,66%), arroz agulhinha (0,64%), banana (0,43%) e leite integral (0,24%). As reduções foram registradas para feijão cariocinha (-1,83%), carne bovina de primeira (-1,59%), açúcar (-0,73%) e manteiga (-0,47%).

Em 12 meses, oito produtos acumularam alta: açúcar refinado (22,62%), carne bovina de primeira (18,66%), óleo de soja (15,23%), arroz agulhinha (9,34%), farinha de trigo (4,44%), banana (4,40%), pão francês (4,35%) e manteiga (0,82%). Feijão cariocinha (-26,86%), batata (-17,42%), tomate (-14,77%), leite integral (-3,27%) e café em pó (-2,09%) apresentaram taxas negativas.

O trabalhador paulistano cuja remuneração equivale ao salário mínimo necessitou cumprir jornada de trabalho, em março de 2020, de 109 horas e 10 minutos para comprar a cesta. Em fevereiro, o tempo foi um pouco maior, de 109 horas e 25 minutos. Em março de 2019, havia ficado em 112 horas e 14 minutos.

Em março de 2020, o custo da cesta em São Paulo comprometeu 53,64% do salário mínimo líquido (após o desconto previdenciário de 7,5%). Em fevereiro, equivaleu a 53,77%, mês em que a alíquota era de 8,0%. Em março de 2019, o percentual ficou em 55,15%